

-se do valor do tempo em relação ao aprimoramento da alma. Queriam unicamente acumular vantagens financeiras, e nada mais. Divorciados da caridade, da compreensão e da luz divina, criaram para si mesmos o mito frio e rígido do ouro, fundindo com ele a mente vigorosa e o tacanho coração... Escravizados, agora, à ideia fixa de ganhar sempre, voam pesadamente aqui e acolá, dementados e confundidos, procurando monopólios e lucros que não mais encontrarão.

Condoí-me. Quis deter alguns, confabular com eles fraternalmente, de modo a esclarecê-los; no entanto, o instrutor paralisou-me os braços, murmurando:

— Que fazes? seria inútil. Impossível é reajustar, num momento, apenas com palavras, tantas mentes em desequilíbrio cruel.

E, impulsionando-me para a frente, concluiu:

— Vamos: Consumirias muitas semanas para conhecer a paisagem de dor que se nos estende à frente, e dispomos apenas de algumas horas.

XVIII

VELHA AFEIÇÃO

Não havíamos atravessado grande distância, quando curiosa assembleia de velhinhos se postou ao nosso lado.

Mostravam todos carantonhas de aspecto lamentável. Esfarrapados, esqueléticos, traziam as mãos cheias de substância lodosa que levavam de quando em quando ao peito, ansiosos, aflitos. Ao menor toque de vento, atracavam-se aos fragmentos de lama, colocando-os de encontro ao coração, demonstrando infinito receio de perdê-los. Entreolhavam-se apavorados, como se temessem desastre próximo. Cochichavam entre si, maliciosos e desconfiados. Às vezes, faziam menção de correr, mas retinham-se no mesmo lugar, entre o medo e a suspeita.

Um deles observou em voz rouquenha:

— Precisamos de alguma saída. Não podemos com delongas. E nossos negócios? nossas casas? Incalculável é a riqueza que descobrimos...

E indicava com ufania os punhados de lodo a escorregar-lhe das mãos aduncas.

— Mas... — prosseguia, pensativo — todo este ouro, que temos conosco, permanece à mercê de ladrões, nesta miserável charneca. Imprescindível é ganharmos o caminho de volta. Isto aqui assombraria a qualquer.

Escutando a singular personagem, dirigi interrogativo olhar a Calderaro, que me esclareceu, atencioso:

— São usurários desencarnados há muitos anos. Desceram a tão profundo grau de apego à fortuna material transitória, que se tornaram inep-

tos ao equilíbrio na zona mental do trabalho digno, por incapazes de acesso ao santuário interno das aspirações superiores. Na Crosta da Terra, não enxergavam meios de se ampararem com a ambição moderada e nobre, nem reparavam nos métodos de que usaram para atingir os fins egoísticos. Menos-prezavam direitos alheios e escarneciam das aflições dos outros. Armavam verdadeiras ciladas a companheiros incautos, no propósito de sugar-lhes as economias, locupletando-se à custa da ingenuidade e da cega confiança. Tantos sofrimentos difundiram com as suas irrefletidas ações, que a matéria mental das vítimas, em maléficas emissões de vingança e de maldição, lhes impôs érea couraça ao campo das ideias; assim, atordoadas, fixam-se estas nos delitos do pretérito, transformando-os em autênticos fantasmas da avareza, atormentada pelas miragens de ouro neste deserto de padecimentos. Não podemos predizer quando despertem, dada a situação em que se encontram.

Lamentei-os sinceramente, ao que Calderaro obtemperou:

— Enlouqueceram na paixão de possuir, acabando a sinistra aventura escravos de monstros mentais de formação indefinível.

Dispunha-me a redarguir, quando um dos anciãos alçou a voz no estranho concerto, exclamando:

— Amigos, não seremos vítimas dum pesadelo? às vezes, chego a supor que estamos equivocados. Há quanto tempo deambulamos fora do lar? onde estamos? não teríamos enlouquecido?!...

Oh! aquela voz! escutando-a, pavorosa dúvida se apoderou de mim. Quem estaria louco? interrogava, agora, a mim mesmo. Aquele velho ou eu?

Fixei-lhe os traços. Oh! seria possível? Aquele espírito desventurado recordava meu avô paterno Cláudio. Afeioara-se a mim, desde os meus mais tenros anos. De trato glacial com os outros, afa-gava-me bastas vezes, acariciando-me a cabeleira infantil com as suas mãos que os anos haviam

engelhado. Seus olhos fulguravam quando pousados nos meus, e minha mãe sempre afirmava que só em minha companhia ele se acalmava nas crises nervosas que lhe precederam o fim. Não me lembrava da história dele, com particularidades especiais; entretanto, não ignorava que fizera considerável fortuna em ágios escandalosos, curtindo espinhosa velhice pelo excessivo apego ao dinheiro. Conturbara-se nos últimos tempos do corpo, e via delatores e ladrões em toda a parte. Aflição, meu pai transferira-o para a nossa residência, onde minha mãe o auxiliou a vencer os derradeiros padecimentos.

Num átimo, veio-me à memória seu decesso. Trouxeram-me do colégio, onde fazia o curso secundário, para oscular-lhe as mãos frias, pela última vez. Nunca me esqueci de sua impressionante máscara cadavérica. As mãos recurvadas sobre o peito parecia guardarem, ciosamente, algum tesouro oculto, e nos olhos vítreos, que mãos piedosas não conseguiram cerrar, vagueava o pavor do ignoto, como se o acomessem trágicas visões no Além, para onde fôra arrebatado a contragosto.

No curso do tempo, vim a saber que meu avô deixara valioso patrimônio financeiro, que nós, seus parentes, dissipávamos em nababescas fantasias... Tornando ao pretérito, reconheci que vigoroso laço me unia àquele desgraçado que ainda sofria o pesadelo do ouro terrestre, carregando placas de lodo que premia enternecidamente ao coração.

Enquanto as reminiscências me enchiam aquele instante, gritava-lhe um companheiro infeliz:

— Pesadelo? nunca, nunca! O' Cláudio, não te sensibilizes tanto!...

— Ah! seu nome fôra pronunciado. A confirmação estarrecera-me; quis gritar, mas não pude. Compreendendo quanto ocorria em meu íntimo, o prestativo Calderaro amparou-me, assegurando:

— André, já sei de tudo. Entendo agora a significação de tua vinda a estas paragens: Irmã

Cipriana tinha razão. Não temos tempo a perder. O velho revela-se receptivo. Começou a entender que provavelmente estará em erro, que talvez respire atmosfera de pesadelo cruel. Ajúdeme-lo. Urge auxiliar-lhe a visão, para que nos enxergue.

Aflito, segui o dedicado orientador que passou a aplicar recursos fluidicos sobre os olhos embaçados de meu desditoso ascendente. A entidade, com o providencial afluxo de força, ganhou provisoría lucidez, e viu-nos, afinal.

— Oh! — gritou perante os colegas aterra-dos — que luz diferente!

E esfregando os olhos, acrescentava, dirigindo-se a nós:

— Onde vindes? sois padres?

Certo, aludia às túnicas muito alvas com que nos apresentávamos.

Avancei, lesto, e indaguei:

— Meu amigo, sois Cláudio M..., antigo fazendeiro nas vizinhanças de V...?

— Sim, conheceis-me? quem sois?

Em atitude de alívio, juntou com inflexão comovente:

— Desde muito estou preso nesta região misteriosa, referta de perigos e de monstros, mas abundante de ouro, de muito ouro... Vossa palavra me reanima... Oh! por piedade! ajudai-me a sair... Quero voltar...

E, ajoelhado agora, de braços estendidos para mim, repetia:

— Voltar..., rever os meus, sentir-me em casa novamente!

Abracei-o, compungido, e, sem desejar chocá-lo com inoportunas revelações, expliquei-me:

— Cláudio M..., sois vítima de lamentável engano. Vossa casa antiga cerrou-se com os olhos físicos que já desapareceram! Encarcerastes o espírito num sonho vão de mentirosas riquezas. A morte vos arrebatou a alma do domicílio carnal, vai para mais de quarenta anos.

O ancião esbugalhou os olhos angustiados. Não relutou. Desatou em pranto convulso, dilacerando-me as fibras mais íntimas.

— Bem o sinto! — murmurou, inspirando compaixão. — Tenho a cabeça afogueada, incapaz de raciocinar; mas... e o ouro, o ouro que ajuntei com tanto suor?

— Reparaí vossas mãos, agora que divina claridade vos bafeja o espírito! O patrimônio, acumulado à custa das dificuldades alheias, converteu-se em lodacentos detritos. Notai!

Meu avô pôs-se a contemplar as massas de lama que sobraçava, e gritou, aterrorizado. Em seguida, pousando em mim os olhos lacrimosos, considerou:

— Será o castigo? Minha falta para com Ismênia exigia punição...

Como os soluços lhe asfixiassem a garganta, interroguei:

— A quem vos referis?

— A minha irmã, cujos direitos espezinhei.

Sensibilizando-nos, intensamente, prosseguiu:

— Sois enviados de Deus, e ouvi-me em confissão. Ao morrer, meu pai confiou-me uma irmã, que não era filha legítima de nossa casa. Minha mãe, dedicada e santa, criou-a com o mesmo infinito desvelo que a mim mesmo. Quando me vi, porém, sozinho, escorracei-a do ambiente doméstico. Provei que não partilhava meus laços consanguíneos, para melhor assenhorear-me da fortuna que meu pai nos legara. A pobrezinha implorou e sofreu; no entanto, releguei-a a miserável destino, cioso da sólida base financeira que havia conseguido. Fiquei rico, multipliquei os cabedais, ganhei sempre...

E fixando as mãos enodoadas, prosseguia amargurosamente:

— E agora?!

La consolá-lo, abrir-lhe o coração comovido até às lágrimas; Calderaro, porém, fez-me imperioso gesto, recomendando-me silêncio.

Meu triste antepassado continuou, descortinando-me novos campos ao sentimento:

— Onde viverão meus parentes, cujo futuro me preocupava? onde rolará o dinheiro que amontoei penosamente, olvidando minha própria alma? onde respirará minha irmã, a quem despojei de todos os recursos? porque não me ensinaram, na Terra, que a vida prosseguiria para além do sepulcro? estarei efetivamente "morto" para o mundo, ou louco e cego? Ah! mísero que sou! quem me socorrerá?

Alongando os braços ressequidos, suplicava:

— Tende piedade de mim! Meus pais foram levados ao túmulo, há muitos anos, e meus filhos, certamente, me esqueceram... Estou desprezado, sem ninguém. Valei-me, emissários do Eterno! não abandoneis um ancião traído em suas ambições e propósitos! agora, que me reconheço, tenho medo, muito medo...

Demorando em mim o olhar que grossa cortina de lágrimas ensombrava, observou:

— Meus familiares olvidaram-me o devotamento. Só uma pessoa no mundo se recordará de mim e me estenderia mãos protetoras se soubesse do meu paradeiro...

Estampou expressão de ternura na máscara dolorosa e esclareceu:

— Meu neto André Luiz era a luz de meus olhos. Muita vez, os carinhos dele me aquietavam o torturado pensamento. Em muitas ocasiões manifestei, em casa, o desejo de que ele se consagrasse à Medicina. Destinei-lhe um legado para esse fim. Pretendia vê-lo fazendo o bem que eu, homem ignorante, não soubera praticar. Frequentemente me assaltava o remorso pela extorsão que inflingira a minha irmã; contudo, consolava-me com a ideia de que o neto do meu coração, de algum modo, gastaria o dinheiro que eu indêbitamente aferrolhara, educando-se, como convinha, para benefício de todos... Seria o benfeitor dos pobres e dos doentes,

espargiria sementes dadivosas onde minha existência inútil espalhara pedras e espinhos de insensatez. Meu neto seria belo, querido, respeitado...

Enxugando as copiosas lágrimas, indagava em voz súplice, com a atenção presa a meus gestos:

— Quem sabe se vós, mensageiro de Deus, poderíeis levar a meu neto a tremenda notícia dos males que me devoram? Não mereço o afastamento destas masmorras em que enlouqueci, mas ser-me-á consolo saber que André tem ciência dos meus padecimentos!

Ah! não mais valeram sinais do Assistente Calderaro para que me contivesse, esperando ainda mais. Meu peito como que rebentara numa torrente de pranto irreprimível. Ali, não me achava ante assembleias superiores, cujas emissões de energia me sustentassem até ao fim no combate educativo da auto-disciplina, mas diante dos deploráveis remanescentes das paixões terrestres. Lembrei-me do meu avô, acariciando-me os cabelos; recordei que meu genitor sempre aludia aos desejos do velho, com referência à minha preparação acadêmica... Pensei nos longos anos que o mísero teria gasto, ali, agarrado às ideias de posse financeira; compreendi a extensão de meu débito para com ele, relativamente ao diploma de médico que eu não soubera honrar no mundo... Dirigi súplice olhar a Calderaro, rogando-lhe me perdoasse...

O Assistente sorriu e entendeu tudo.

Quem terá perdido, de todo, a expressão infantil, se o próprio Cristo, Supremo Guia da Terra, abriu tenros braços, um dia, no berço da manjedoura?

Tornando mentalmente a cenários da infância longínqua, senti-me novamente menino; venci de um salto o espaço que nos separava e ajoelhei-me aos pés do meu desventurado benfeitor, que me observava, agora, trêmulo e assustado. Cobri-lhe as mãos de beijos e, erguendo para ele os olhos lacrimosos, perguntei:

— Vovô Cláudio, pois o senhor não me conhece mais?

Impossível seria descrever o que se passou.

Esqueci, por momentos, os estudos que me impusera a fazer; olvidei os quadros daquele ambiente, que provocavam curiosidade e pavor. Meu espírito respirava o reconhecimento sincero e o amor puro; e, enquanto as miséras entidades emuradas na usura gritavam, revoltadas, umas, e riam outras à sorrelfa, incapazes de compreender a cena improvisa, eu, amparado por Calderaro, que também enxugava lágrimas discretas, diante da comoção que me assaltara, sustentei meu avô nos braços, como se transportara, louco de alegria, precioso fardo que me era doce e leve ao coração.

XIX

REAPROXIMAÇÃO

Quando Cipriana regressou, em companhia dos demais amigos, encontrou-me banhado em lágrimas, e ouviu a estranha narrativa de meu avô semi-lúcido. Esboçou complacente gesto e disse, bondosa:

— Sabia, André, que não terias vindo para nenhum resultado.

Em rápidos minutos descrevi-lhe a ocorrência, prestando-lhe todos os informes sobre o passado.

A diretora ponderou, serena, a minha digressão através do pretérito e obtemperou:

— Dispomos de tempo curto; e, como não será possível ao doente acompanhar-nos, cumpre interná-lo já em algum recolhimento, aqui mesmo.

Meu avô, mau grado ao júbilo de me haver reconhecido, não guardava razoável equilíbrio: pronunciava frases desconexas, em que o nome de Ismênia era repetido a cada passo.

— Não podemos esquecer — acentuou a venerável instrutora — que o irmão Cláudio precisa de tratamento e de cuidado. E' impossível prever quando se achará em condições de respirar atmosfera mais elevada.

Assim dizendo, generosa e meiga, auscultou o velhinho semi-louco, examinando-o maternalmente.

Decorridos alguns instantes, informou:

— André, nosso enfermo, para melhorar com mais rapidez e eficiência, deveria retornar à experiência carnal.

— Neste caso, então, — disse eu, humilde — poderíamos merecer seu auxílio, Irmã?

— Como não? em se tratando de reencarnação por meras atividades reparadoras, sem projeção